

Notas sobre a Educação formal, não-formal e informal

Rodrigo Heringer Costa¹
UNIRIO/MESTRADO/PPGM
SIMPOM: *Educação Musical*
rodovas@gmail.com

Resumo: O presente artigo é essencialmente teórico e objetiva realizar uma análise não exaustiva dos conceitos de educação formal, não-formal e informal entre estudiosos de diferentes áreas do conhecimento. Após breve discussão sobre a relevância do tema para a área da Educação Musical, alguns trabalhos são analisados de maneira comparativa. Nota-se que a abrangência de cada um dos conceitos é um fator de diferenciação na compreensão dos mesmos entre os diversos autores analisados, mas, por outro lado, é possível perceber um entendimento unânime de que as fronteiras que delimitam o escopo de atuação da educação informal, não-formal e formal não são estáticas e tampouco claramente delineadas. Outro ponto de comum acordo entre os autores é a percepção da existência de um crescente grau de sistematização dos procedimentos, pressupostos e objetivos da educação informal em relação à formal, passando pela educação não-formal.

Palavras-chave: Educação Formal Não-Formal e Informal; Ensino e Aprendizagem.

Notes about Formal, Non-Formal and Informal Education

Abstract: This paper is mainly theoretical and aims to conduct a non-exhaustive analysis of formal, non-formal and informal education concepts from the writings of scholars of different areas of knowledge. After a brief discussion about the relevance of the topic for Music Education field, some studies are analyzed in a comparative way. It is concluded that the range of each concept is a point of divergence related to the comprehension of them by the different authors but, on the other hand, it is possible to perceive a unanimous understanding that the boundaries of informal, non-formal and formal education are not static nor clearly delineated. Another point of agreement between the authors is the perception of the existence of an increasing degree of systematization of procedures, assumptions and objectives in a *continuum* that goes from informal to formal education, passing through non-formal education.

Keywords: Formal, non-formal and informal education; Teaching and learning.

¹ Orientadora: Luciana Pires de Sá Requião (IEAR/UFF-PPGM/UNIRIO-PROEMUS/UNIRIO). Agências de fomento: CAPES e FAPERJ

Introdução

Os pesquisadores da área de Educação têm despertado, principalmente nas últimas décadas, para a necessidade do estabelecimento de um diálogo com formas de construção do conhecimento que fogem aos limites estabelecidos pela educação formal e, conseqüentemente, por seus pressupostos, seus meios e seus objetivos (GOHN, 2010). Tal fenômeno parece estar relacionado à defesa de Philip H. Coombs, Roy C. Prosser e Manzoor Ahmed (1973, p. 10) de que a importância da escola e de seus métodos em relação a outros meios de educação no mundo atual tem diminuído, e não aumentado. A atuação dialógica das instituições escolares em relação a outras práticas educacionais desenvolvidas e exercidas em seu exterior seria, então, além de desejável, uma maneira de fortalecer tais instituições no mundo contemporâneo.

Dentro da área de Educação Musical nota-se que grande parte das instituições escolares no mundo ocidental herdou do conservatório um método de ensino de música majoritariamente eurocêntrico, ignorando ou dando relevância periférica à realidade do ensino e aprendizagem de outras tradições musicais (GREEN, 2002, p. 4).² O diálogo entre estes distintos ambientes educacionais tem ocorrido de maneira tímida dentro das instituições destinadas ao ensino de música e a “educação musical tem tido relativamente pouca relação com o desenvolvimento da maioria dos músicos que tem produzido a grande parte da música que a população mundial escuta, dança, gosta e se identifica³” (Ibidem, p. 5). Segundo Heloísa Feichas, a tradição de ensino nas universidades “privilegia não só o repertório europeu como também as metodologias de ensino da música com foco no ensino da notação tradicional” (FEICHAS, 2006, p. 1).

À luz da discussão acima, busquei realizar no presente ensaio uma revisão bibliográfica valendo-me de trabalhos de autores da área de Educação, Pedagogia e Educação Musical, que se esforçaram para compreender e conceituar processos⁴ educacionais que se estabeleceram primordialmente fora do ambiente escolar e que de alguma maneira podem

² Todas as traduções são minhas, exceto quando indicado.

³ [...] music education has had relatively little to do with the development of the majority of those musicians who have produced the vast proportion of the music which the global population listens to, dances to, identifies with and enjoys.

⁴ José Carlos Libâneo, citando Mialaret, emprega o termo educação em três sentidos: educação instituição, educação-processo e educação produto. Considerando a educação como uma ação, seria na educação-processo em que se caracterizaria mais propriamente o fato educativo, criando bases para a educação-sistema e para a educação-produto. No decorrer do trabalho será possível perceber que o lidar com a educação como um processo é algo recorrente também nos demais trabalhos analisados. Para maiores informações, consultar LIBÂNEO, 2010, p. 69-104.

contribuir para o diálogo mais incisivo entre tais processos e o ambiente escolar. Acredito que uma profunda compreensão dos conceitos de educação formal, não-formal e informal, seja o passo inicial para o fortalecimento das relações entre estes diversos, porém não antagônicos, processos educacionais. De maneira alguma pretendo esgotar os pontos de vistas acerca de tais construções conceituais, buscando apenas levantar alguns trabalhos de autores vinculados a, no mínimo, uma das áreas de conhecimento supracitadas, que sirvam para exemplificar distintas visões sobre o tema e, conseqüentemente, contribuir para uma mais ampla compreensão do mesmo.

1. Sobre educação

Antes de discorrer sobre as diversas considerações em torno educação formal, não-formal e informal, faz-se necessário esclarecer o próprio conceito de educação utilizado. Objeto de estudo de pesquisadores de diferentes disciplinas como a antropologia, a sociologia, a economia, a psicologia, a biologia, a história e a pedagogia, o conceito de educação não poderia aqui ser alvo de uma discussão sistemática e aprofundada sem que, para isso, se fugisse muito dos objetivos do presente trabalho⁵. Utilizarei, portanto, uma definição de educação que por hora servirá para as finalidades deste estudo bibliográfico. Thomas J. La Belle (1976, p. 18) a caracteriza como um processo através do qual indivíduos aprendem como agir cognitiva, afetiva e psicomotoramente dentro de seus ambientes, podendo ser fruto de direcionamentos externos ou da iniciativa pessoal do próprio indivíduo.

2. Alguns conceitos de educação formal, não-formal e informal

Philip H. Coombs, Roy C. Prosser e Manzoor Ahmed (1973) foram alguns dos pioneiros em categorizar o conceito de educação em três diferentes tipos – informal, formal e não formal –, examinando sistematicamente cada um deles. Na visão destes autores, a educação é tida como um processo de natureza contínua, que acompanha o indivíduo desde os seus primeiros passos até a mais distante vida adulta, envolvendo uma diversidade significativa de métodos e recursos de aprendizagem (p. 9-10). Na pesquisa mencionada, realizada em parceria com a UNESCO, os autores definem a educação informal como um processo através do qual todo indivíduo adquire habilidades, conhecimentos, atitudes e valores ao longo de sua vida. Tal processo está intimamente relacionado aos estímulos e inibições recebidas a partir da experiência cotidiana bem como à disponibilidade de recursos e à influência educativa exercida pelo ambiente no qual o indivíduo se insere. Para a

⁵ Para uma discussão mais aprofundada sobre o tema, ver LIBÂNEO, 2010 e DURKHEIM, 1952.

constituição do ambiente, os autores consideram como relevantes variáveis diversas e heterogêneas, a exemplo da família, dos vizinhos, do trabalho, das brincadeiras, da feira local, a mídia de massa, entre inúmeras outras.

Através da educação informal, por exemplo:

(...) uma criança adquire um vocabulário substancial em casa, antes de ir à escola, uma filha aprende a cuidar de crianças e a cozinhar a partir da observação e da ajuda a sua mãe, um filho adquire competências profissionais de seu pai e crianças e adolescentes aprendem com seus pares⁶. (COOMBS, PROSSER E AHMED, 1973, p. 10).

É destacado pelos pesquisadores o caráter muitas vezes assistemático e desordenado do processo educacional em questão. Reconhecem, porém, ser a educação informal a grande responsável pela maior parte de tudo o que uma pessoa constrói no percurso de uma vida. Como responsável pela educação formal os autores se referem a todo o sistema educacional escolar, através de suas estruturas hierárquicas e sua divisão cronológica e gradual do conhecimento. Tal sistema abrange desde a escola primária (ou outra anterior, quando esta existir) até os cursos de pós-graduação, incluindo programas de ensino especializado, técnico e profissional. Como o ensino formal não faz parte da preocupação principal no desenvolvimento do livro em questão, a discussão sobre o conceito se atém à supracitada.

Por educação não-formal Coombs, Prosser e Ahmed (1973) entendem quaisquer atividades educacionais organizadas e sistematizadas que ocorram fora do sistema formal estabelecido, ainda que operem em consonância ou de maneira complementar ao último. Tais atividades são pensadas e desenhadas para atender um grupo específico, com objetivos de aprendizado bem delineados. Muitos dos processos educacionais pensados pelos autores como pertencentes à categoria “não-formal” não foram sequer originalmente concebidos como sendo educacionais. Grande parte deles foi pensada como atividades de lazer e de esporte, serviços de saúde, projetos de desenvolvimento de comunidades e regiões específicas, entre outros. Sendo assim, a educação não-formal abarcaria “componentes educacionais de programas projetados para atenderem a metas de desenvolvimento amplas, bem como a objetivos mais acadêmicos⁷” (COOMBS, PROSSER E AHMED, 1973, p. 12).

⁶ [...] a child acquires a substantial vocabulary at home before going to school, a daughter learns child care and cooking from helping and observing her mother, a son picks up occupational skills from his father and children and adolescents learn from their peers.

⁷ [...] educational components of programmes designed to serve broad development goals, as well as more academic objectives.

Em seu livro *Nonformal education and social change in Latin America* (1976), Thomas J. La Belle realiza uma revisão bibliográfica partindo das obras de autores que discorrem sobre os conceitos de educação formal, informal e não formal, especialmente preocupado com o último, devido às características de seu trabalho. La Belle cita, além do estudo de Coombs, Prosser e Ahmed já mencionado, outro, de Paulston, que julgo importante ser destacado:

Paulston (1972) define tais tipos educacionais de maneira similar (a Coombs, Prosser e Ahmed) através do uso de um modelo de círculo concêntrico. Ao centro, ou miolo do modelo, ele coloca a educação formal, seguida no segundo anel pela educação não-formal, e no terceiro pela educação informal. Além disso, ele adiciona um quarto, um anel de educação internacional, que inclui influências provenientes de fora dos limites de cada um⁸. (PAULSTON citado por LA BELLE, 1976, p. 21, parênteses meu).

A diferença entre a conceituação de Paulston e a de Coombs, Prosser e Ahmed (1973) para a educação não-formal reside antes na ênfase que em qualquer outra característica mais marcante e distintiva entre ambas. Paulston defende que a educação não-formal possui uma necessidade de ocorrer durante um período curto para se fazer valer como tal, além de atuar com o objetivo de promover transformações concretas em grupos-alvo de características específicas e diferenciadas sob alguma ótica.

Como La Belle, Mária da Glória Gohn (2010) também realiza uma revisão bibliográfica entre autores que trabalham conceitos relacionados aos processos educacionais, mas não discorre sobre a educação formal especificamente, por esta não ser o principal foco de interesse em sua pesquisa. Além de realizar tal revisão, a autora advoga em torno de um conceito próprio de educação não-formal, sobre o qual me debruçarei por um breve momento nas próximas linhas. O conceito adotado por Gohn envolve a ideia de que a educação não-formal seria necessariamente articulada com o campo da educação cidadã, sempre vinculado à virtudes de democratização do conhecimento. Sendo assim, responderia a educação não-formal por um processo “sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, entendendo o político como a formação do indivíduo para interagir com o outro em sociedade” (GOHN, 2010, p. 32).

⁸ Paulston (1972) defines these educational types similarly through the use of a concentric circle model. At the center, or core of the model, he places formal education, followed in the second ring by nonformal education, and in the third ring by informal education. In addition, he adds a fourth, an international education ring, which includes influences derives from outside of one’s natural boundaries.

Para Moacir Gadotti (2005, p. 2), a educação formal possui objetivos e meios claramente definidos e tem como local de ocorrência principal, o ambiente escolar. Ela responde a uma gerência normalmente centralizada e que se organiza através de uma estrutura hierárquica, burocrática, que atua em nível nacional. Tal estrutura faz-se percebida através dos currículos e dos órgãos fiscalizadores do ministério da educação. A educação não-formal, por outro lado, ocorre valendo-se de um menor grau de sistematização e de burocratização. Segundo ele, e aqui opondo-se ao entendimento do conceito de educação não-formal tal qual entendido por Paulston (1972, citado por LA BELLE, 1976, p. 21), esta pode ocorrer através de processos de duração variável, a depender da necessidade, disponibilidade de recursos, intenção e outros fatores relacionados aos envolvidos dentro de um processo educativo de tal natureza.

Em seu artigo *A questão da educação formal/não-formal* (2005), Gadotti não trabalha com o conceito de educação informal. Em sua argumentação a educação não-formal opera também de maneira descontínua, eventual e informal, em múltiplos espaços, não podendo ser denominada, por tais motivos, de “educação informal”. Segundo ele, os autores que assim procedem agem de maneira inapropriada, já que pensam ser a atividade organizada e sistemática um fator determinante para processos educacionais serem classificados como não-formais.

O critério de classificação utilizado por José Carlos Libâneo para diferenciar educação formal, não-formal e informal refere-se à intencionalidade. Como intencionalidade o autor entende “processos orientados explicitamente por objetivos e baseados em conteúdos e meios dirigidos a esses objetivos” (LIBÂNEO, 2010, p. 92). Ele divide a educação em duas modalidades distintas: a educação não-intencional (informal) e a educação-intencional, que se desmembra em outras duas formas: a educação formal e a não-formal.

Como educação informal Libâneo entende todas as influências que atuam de alguma maneira sobre o indivíduo, ocorrendo de modo não-intencional, não sistemático e não planejado. O fato desse processo educativo não incidir sobre o indivíduo de maneira intencional não significa que ele não tenha consequências efetivas na formação da personalidade, valores e hábitos do mesmo, mas antes que estas consequências são mais dificilmente percebidas como tais. A educação não intencional na visão do autor, porém, não pode ser confundida com a totalidade do processo educativo. Sendo assim, sobre a educação intencional de caráter formal ele discorre:

(...) seria, pois, aquela estruturada, organizada, planejada intencionalmente, sistemática. Nesse sentido, a educação escolar convencional é tipicamente formal. Mas isso não significa dizer que não ocorra educação formal em outros tipos de educação intencional (vamos chamá-las de não-convencionais). Entende-se, assim,

que onde haja ensino (escolar ou não) há educação formal (...) desde que nelas estejam presentes a intencionalidade, a sistematicidade e condições previamente preparadas, atributos que caracterizam um trabalho pedagógico-didático, ainda que realizadas fora do marco do *escolar* propriamente dito. (Ibidem, p.88-89).

Já a educação não-formal responde pelas atividades de caráter intencional, mas as que, por outro lado, possuem baixo grau de sistematização, estruturação e burocratização, implicando relações pedagógicas não formalizadas:

Na escola são práticas não-formais as atividades extra-escolares que provêm conhecimentos complementares, em conexão com a educação formal (feiras, visitas, etc). (Ibidem, p. 89)

Contrapondo-se ao defendido por Libâneo, Moacir Gadotti defende que qualquer educação é, mesmo que parcialmente, formal. Ele argumenta não haver educação que não seja intencional, mudando-se apenas o cenário onde a intencionalidade opera, o que dá maior ou menor grau de formalidade para a atuação da mesma (GADOTTI, 2005, p. 2).

Pesquisadora atuante da área de educação musical, Lucy Green (2002; 2008) trabalha com categorias que se diferem sutilmente das utilizadas pelos demais autores anteriormente abordados. Ela trabalha o conceito de educação formal em oposição às práticas informais de aprendizado musical.

Com as preocupações mais voltadas para o ensino e a aprendizagem da música, Green afirma haver uma forte relação entre os sistemas de educação formal e a sociedade ocidental, que os desenvolveu baseada em modelos próprios, com características comuns. Entre elas, a autora destaca a existência de instituições formais de ensino, que vão desde as escolas primárias aos conservatórios, dedicados parcialmente ou integralmente ao ensino e à aprendizagem de música; os programas de ensino de canto e de instrumento, que ocorrem dentro dos limites de tais instituições ou em cooperação com as mesmas; currículo escrito, ementas e tradições de ensino explícitas; professores profissionais ou mestres-músicos que, na maioria dos casos, possuem uma qualificação relevante; ensino baseado na notação, sendo esta muitas vezes de relevância primordial dentro dos ambientes formais de ensino e aprendizagem; literatura especializada que inclui materiais que vão desde textos sobre música até os de caráter didático e pedagógico; mecanismos de avaliação regulares de habilidades, técnicas e conteúdo, a exemplo de provas, exames e avaliações; e também a existência de diplomas e níveis de qualificações diferenciados e hierarquizados.

A autora não trabalha com o conceito de educação informal e, no lugar deste, desenvolve o de práticas informais de aprendizado musical. Para ela, tais práticas são adotadas por grupos que desenvolvem maneiras de transmitir e adquirir habilidades musicais que diferem das práticas relacionadas à mesma finalidade no universo da educação formal. Em tais tradições de ensino e aprendizagem os músicos "se ensinam ou adquirem habilidades e conhecimentos, geralmente com a ajuda ou encorajamento de seus familiares e pares, através da observação e imitação de músicos ao seu redor e também pelas referências a gravações, performances e outros eventos ao vivo envolvendo o tipo de música escolhido"⁹ (GREEN, 2002, p. 5). Green relata diversas formas solitárias de aprendizado informal, tais como o aprendizado por escuta e cópia de gravações, a leitura e a escrita espontânea e a consulta de livros, mas ressalta que, de maneira geral, tais práticas vêm acompanhadas por outras de igual significância e que ocorrem de maneira coletiva: a de aprendizado orientado por pares e a de aprendizado em grupo. O aprendizado orientado por pares engloba o "ensino explícito de uma ou mais pessoas por um par e o aprendizado em grupo ocorre como resultado de uma interação entre pares, mas na abstenção de qualquer ato de ensino explícito"¹⁰ (Ibidem, p. 76).

3. O convergir dos conceitos

Nota-se, como demonstrado no decorrer da presente revisão, alguns pontos de distinção entre a conceituação dos diversos autores em seus respectivos trabalhos. Podemos notar, porém, alguns pontos de reverberação e, possivelmente, de continuidade entre as categorias trabalhadas pelos pesquisadores citados. Em todas as produções é possível perceber uma preocupação em compreender o papel exercido pelos processos educacionais que se estabelecem fora dos contornos das instituições formais de ensino. Segundo Coombs, Prosser e Ahmed, "um dos estímulos pelo interesse generalizado na educação não-formal em anos recentes tem sido o crescente reconhecimento de que educação não mais pode ser tida como uma barreira estática, um processo estagnado e limitado no espaço". Faz-se necessário, portanto, enxergarmos como "um processo ao longo da vida"¹¹ (COOMBS, PROSSER E AHMED, 1973, p. 9, tradução minha).

⁹ [...] teach themselves or 'pick up' skills and knowledge, usually with the help or encouragement of their family and peers, by watching and imitating musicians around them and by making reference to recordings or performances and other live events involving their chosen music.

¹⁰ explicit teaching of one or more persons by a peer; group learning occurs as a result of peer interaction but in the absence of any teaching.

¹¹ One of the spurs to widespread interest in nonformal education in recent years has been the growing recognition that education can no longer be viewed as a time-bound, place-bound process. [...] a lifelong process [...].

Há também uma defesa unânime de que não existe uma fronteira bem delineada entre as diferentes modalidades de educação. Estas se influenciam mutuamente e operam, quase sempre, através da ênfase em um ou outro processo educacional e não como entidades estáticas distintas. Outra consonância na visão dos autores é a alegação de que a interação entre educação formal, não-formal e informal deva ser estimulada dentro e fora das instituições de ensino. Mais uma convergência entre os trabalhos utilizados diz respeito ao crescente grau de sistematização, hierarquização e burocratização dos conteúdos, métodos e objetivos dos processos educacionais, em um *continuum* que vai da educação informal à educação formal, passando, na maioria dos casos, pela educação não-formal.

Considerações e conclusões

Como procuramos descrever no corpo do presente artigo, a educação escolar e, por consequência as instituições a ela vinculadas, correspondem a apenas uma instância da formação educacional dos indivíduos. Tal processo educativo não pode, portanto, se eximir da interação constante com as demais modalidades de educação. Nas palavras de Libâneo, há uma exigência, direcionada ao ambiente escolar “de que os objetivos, os conteúdos, os métodos se abram para relações mais amplas entre o indivíduo e o meio humano, social, físico, ecológico, cultural, econômico” (LIBÂNEO, 2010, p. 98).

Tradições musicais distintas (porém não tão diversas) se encontram a algum tempo inseridas em parte das instituições de ensino do Brasil e do mundo enquanto conteúdo (FEICHAS, 2010, GREEN, 2002), mas o método informal e, em alguns casos, não-formal, de ensino que norteou a prática dos músicos vinculados a esse repertório não está sendo devidamente aplicado em grande parte do ambiente acadêmico (GREEN, 2008). Carlos Sandroni (2000, p. 19) faz um alerta ao fato de que tal distinção entre conteúdo e método, quando aplicada sem uma reflexão adequada, pode conduzir à ideia errônea de que seria possível tratar “as músicas populares como conteúdos a serem incorporados aos currículos de música, mas ensinados segundo métodos alheios a seus contextos originais, quer se trate de métodos já utilizados nas escolas, quer se trate de métodos especialmente inventados”.

O entendimento dos conceitos de educação formal, não-formal e informal, bem como de seus objetivos e meios, faz-se, então, extremamente necessário para que os utilizemos no intuito de favorecer uma relação entre as instituições escolares e o ambiente que a cerca. Não se trata de minimizar o papel da escola na construção de saberes, mas, antes de procurar estabelecer “uma maior interação entre a instituição escolar e a comunidade local, regional, nacional” (LIBÂNEO, 2010, p. 98). Assim procedendo, creio que nos posicionamos

no sentido de construir um ambiente escolar que tenha mais significado para o universo que o circunda e que contribua de maneira mais eficiente com o mesmo.

Referências

- BECKER, Howard Saul. *Art worlds*. Berkeley: University of California Press, 1982. 392 p.
- COOMBS, Philip Hall; PROSSER, Roy; MANZOOR, Ahmed. *New paths to learning for rural children and youth*. New York: International Council for Education Development, 1973. 133 p.
- DURKHEIM, Émile. *Educação e Sociologia*. 3 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1952, 76 p.
- FEICHAS, Heloísa Faria Braga. *Aprendizados de música formal e informal na graduação brasileira*. 2006 (Palestra).
- FEICHAS, Heloísa Faria Braga. Bridging the gap: Informal learning practices as a pedagogy of integration. *British Journal of Music Education*. Cambridge, n.27, pp 47-58. 2010.
- GADOTTI, Moacir. A questão da educação formal/não-formal. *Droit à l'éducation: solution à tous les problèmes sans solution? Institut International des droits de l'enfant*, Sion, 2005.
- GOHN, Maria da Glória Marcondes. *Educação não-formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais*. São Paulo: Cortez, 2010, 103 p.
- GREEN, Lucy. *How popular musicians learn: a way ahead for music education*. London: Ashgate Publishing Ltd., 2002. 238 p.
- GREEN, Lucy. *Music, informal learning and the school: a new classroom pedagogy*. Aldershot: Ashgate Publishing Ltd., 2008. 213 p.
- HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (Org.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Pazz e Terra, 2012. 395 p.
- LA BELLE, Thomas J. *Non formal educational social change in Latin America*. Los Angeles: UCLA Latin American Center, 1976. 219 p.
- LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e pedagogos para quê?* 12 ed. São Paulo, Cortez, 2010, 208 p.
- SANDRONI, Carlos. “Uma roda de choro concentrada”: reflexões sobre o ensino de músicas populares nas escolas. IX ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL. *Anais...*, p. 19-26, 2000.